



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

JUQUITIBA, SP, 14 DE MARÇO DE 1997

*Governador Mário Covas, meu companheiro e grande Governador de São Paulo; Senhor Ministro Interino dos Transportes, engenheiro José Luiz Portela, que tem um dinamismo por todos reconhecido; Senhores Ministros de Estado; Senhor Vice-Governador Geraldo Alckmin Filho; Senhores Senadores; Senador Serra, aqui presente; Senhores Deputados; Senhores Prefeitos; Prefeito municipal de Juquitiba, Ayres Scorsatto; Prefeitos todos... Agora, uma forte salva de palmas para todos os Prefeitos do Vale do Ribeira; Senhor Diretor do DNER, engenheiro Maurício Hasenclever; Povo do Vale da Ribeira,*

Não tenho palavras para agradecer o modo como tenho sido tratado aqui, em São Paulo. A começar pelo Governador. Aí, não vale. É meu amigo de tantos anos que a gente, cada vez que se vê, é uma alegria. Mas, ainda agora, ao desembarcar do helicóptero, fui recebido pelo conjunto das pessoas que trabalham numa fábrica, a partir do próprio diretor da fábrica, e todos eles, de maneira tão calorosa, tão simpática, tão genuína, que, realmente, eu preciso voltar mais a São Paulo, Mário, para quando estiver lá, em Brasília, ter energia para sentir que o Brasil

quer levar adiante e pra frente esta obra, cuja ordem de serviço nós estamos dando hoje, e que, como foi ressaltado aqui, eu não estou anunciando que vamos fazer: estamos dando ordem de serviço, ou seja, os contratos estão sendo assinados, as máquinas estão aí. Vão começar a cavar. Vão dar dor de cabeça. Vai ter muita confusão durante a obra, mas ela é essencial para São Paulo e para o Brasil.

Eu me recordo dos anos 50, quando fazia pesquisas no Paraná e no Rio Grande do Sul e andava por aqui. Naquele tempo, era uma perua Kombi da universidade. Quantas vezes, entre Apiaí e Ribeira, ficamos atolados. A quantos acidentes eu próprio assisti nessa estrada. Quantas vezes – e disse bem o Portela – nas campanhas eleitorais falou-se dessa estrada. Quantas emendas foram apresentadas ao Orçamento. E nada. Até que o Brasil começou a tomar mais consciência de si.

O Governador Mário Covas disse que, havendo dinheiro, a questão é saber onde aplicar. A primeira parte é haver dinheiro. Então, quando nós começamos a reorganizar o Brasil, a primeira questão foi a da estabilidade, para ter condição de previsão do dinheiro, ter dinheiro e o dinheiro valer. Eu me recordo de que era Ministro da Fazenda e o Deputado Alberto Goldman, Ministro dos Transportes, na época, vivia lá, no Ministério, pedindo que houvesse verbas para essa estrada, como me recordo de que, depois disso, eu já Presidente da República, o Senador Serra, Ministro do Planejamento, da mesma maneira.

Só os que conhecem a burocracia da República é que imaginam o que significa o esforço para se chegar ao ponto de dar uma ordem de serviço. Primeiro, é a tentativa de fazer andar. Depois, a penosa negociação com o BID, para obter os recursos. Foi o Serra quem pegou, realmente, no pesado para encaminhar o financiamento. E, agora, o Ministro Odacir Klein, o Ministro Saldanha, José Luiz Portela, Doutor Maurício, todos juntos, para que se possa dar o empurrão. E só se pode dar o empurrão quando há vontades coincidentes dos prefeitos, do governador e da República.

Hoje, o Brasil precisa disso, precisa da união dos vários níveis da administração para que as coisas caminhem. E certas obras, a gente não tem que perguntar ao prefeito de que partido ele é, nem ao ministro,

nem ao deputado, nem ao governador. Tem que perguntar se é necessária a obra, quanto custa, se não tem roubalheira, se se vai usar bem o dinheiro e cobrar a execução da obra.

Então, agora, aqui, se é possível fazer o que o Portela anunciou, e é verdade que estamos fazendo, é porque nós estamos juntando essas condições. Eu fui, há dez dias – eu já nem me lembro, de tanto que tenho que andar pelo Brasil – a Santa Catarina, para ver a continuação dessa estrada, a BR-101. Lá é a mesma coisa. Lá, também, é chamada “a estrada da morte”.

Prometi, na campanha eleitoral, que faria. Dois anos para fazer, mas está sendo feito. Está sendo feito e vamos continuar lá, então, no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Osório, de tal maneira que nós vamos ter uma estrada que faz uma forquilha. Um pedaço sai de Belo Horizonte e outro do Rio de Janeiro, que já está feito. O de Belo Horizonte, que é a Fernão Dias, está sendo feito. O trecho paulista está avançando. Brevemente, o Mário e eu vamos estar lá, para inaugurar a ordem de serviço. A coisa já está avançada.

Houve algo muito importante, que foi a concessão de serviço público no trecho da Dutra, que foi feito a partir... não sei se foi o Goldman que deu o passo inicial. Então as coisas estão se encaminhando.

Essas obras, que o Ministro Portela mencionou aqui, são muito importantes, todas elas. Essa hidrovia que ele mencionou – eu irei lá, brevemente – é uma revolução, porque sempre se ouviu dizer, no Brasil, “Ah, tem que fazer hidrovia”, mas ninguém fez. Nós fizemos. Nós fizemos a hidrovia. Ela sai lá de Rondônia, de Porto Velho, pelo rio Madeira, vai até o rio Amazonas, chega lá, em Itacoatiara. E em Itacoatiara, com a iniciativa privada, fizemos um terminal graneleiro.

O BNDES financiou os navios, as chatas, que vão transportar a soja. E a soja aqui, do Brasil central, vai escoar rio acima e depois, na direção do mar, pelo rio Amazonas. E vamos aumentar o calado dos navios que chegam lá e vamos, como disse o Portela, levar essa soja para competir com a soja americana – é bom que eles não nos ouçam –, de uma maneira muito favorável, nos mercados europeus.

Isso é trabalho com visão de futuro. Essa estrada, aqui, não está sendo feita porque o prefeito A ou B pediu. Está sendo feita porque é

necessária para o Brasil. Não está sendo feita para facilitar para A, para B ou para C, mas porque é necessária. Da mesma maneira que a BR-101, da mesma maneira que a 174 que, aqui, do Sul, não se imagina o que é isso: é uma estrada que vai ligar Manaus à Venezuela.

Ao ligar Manaus à Venezuela, permite escoamento da produção da Zona Franca de Manaus, ou seja: em vez de vir para os mercados daqui, do Sul, competir com os nossos produtos daqui, ela vai ter sua vocação realista, real, que é a de exportar, e não de trazer aqui para dentro. E ao exportar, via Caracas, vai ser possível chegar mais facilmente e mais barato ao mercado norte-americano e ao mercado dos outros países da América Central.

Então, são obras que estruturam o Brasil. Não se trata, simplesmente, de fazer obra por fazer obra. É integrar o Brasil. E essa integração, se é física, num dado momento, é social de imediato, porque dá emprego de imediato. Num país que tem desemprego, tem que ter obra pública, que permita dar emprego para a sua população.

Então, é com muita alegria, mesmo, que estou hoje aqui, porque nós não estamos prometendo, nós estamos fazendo.

E termino dizendo a vocês que nada disso teria sido feito não fosse a dedicação daqueles que têm a responsabilidade imediata da realização dessa obra: são o Ministro Saldanha, o Doutor Portela, o Doutor Maurício, os seus funcionários, os seus colaboradores, porque ninguém imagina a dificuldade que há para se colocar de pé um projeto e chegar até que as pessoas, na rua, vejam a obra sendo feita. Só se vê depois de muitos anos de esforço.

De modo que não é a mim que vocês devem agradecer, não, é a todos nós. A todos aqueles que hoje, no Brasil, temos vergonha na cara, porque usamos o dinheiro do povo para o bem do povo. Esse dinheiro é bem aplicado e será o bem do Vale da Ribeira.

Muito obrigado a vocês, e boa sorte!